

AS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO/GÊNERO NO TRABALHO DOCENTE REMOTO EM *HOME OFFICE*:

“Quando o Espaço Público se Funde ao Espaço Doméstico”

Fernanda Cordeiro Lisboa

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de
Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG*

nandacordeirolisboa@gmail.com

Raquel Quirino

*Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Centro
Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG*

quirinoraquel@hotmail.com

*Simpósio Temático nº 15 – DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, RELAÇÕES DE GÊNERO E
DIVERSIDADE SEXUAL: DESAFIOS ATUAIS E INTERLOCUÇÕES COM A CIÊNCIA &
TECNOLOGIA (C&T) E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)*

RESUMO

Devido à COVID-19, diversas mudanças no mundo do trabalho fizeram-se necessárias. Com o isolamento social e a implantação do trabalho remoto em *home office*, o ambiente público e externo, foi migrado para o ambiente interno e doméstico. Especificamente no trabalho docente, em que pese sua precarização, desvalorização e feminização na educação básica, soma-se, à sobrecarga da mulher professora-mãe-esposa-dona de casa, uma prática educativa realizada à distância, utilizando-se de tecnologias pouco usuais nas escolas, e o entrelaçamento imprevisto dos espaços de trabalho público e doméstico. Evidenciar como se dão as relações sociais de sexo/gênero e a divisão sexual do trabalho docente e doméstico estabelecidas nesse novo momento, bem como os desafios e dificuldades, as estratégias de resistência e de luta dessas mulheres, diante do trabalho duplicado e da inusitada transformação de seus espaços e territórios público e privado é o objetivo do presente estudo. Busca-se, também, a compreensão e um repensar no sentido de pertencimento atribuído por essas professoras aos seus espaços e territórios. Por se tratar de um tema ainda pouco pesquisado academicamente, a pesquisa será de base exploratória, em uma abordagem qualitativa, cujos sujeitos serão professoras da Educação Básica da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte, que serão entrevistadas, utilizando-se de um roteiro semiestruturado.

Palavras-chave: Trabalho docente remoto. *Home office*. Divisão sexual do trabalho. Espaços e territórios.

ABSTRACT

Due to COVID-19, several changes in the world of work were necessary. With the social isolation and the implementation of remote work in the home office, the public and external environment was migrated to the internal and domestic environment. Specifically in teaching work, despite its precariousness, devaluation and feminization in basic education, an educational practice carried out at a distance, using unusual technologies, is added to the overload of the woman teacher-mother-wife-housewife. in schools, and the unforeseen intertwining of public and domestic work spaces. Show how the social relationships of sex/gender and the sexual division of teaching and domestic work established in this new moment occur, as well as the challenges and difficulties, the resistance and struggle strategies of these women, in the face of duplicated work and the unusual transformation of its public and private spaces and territories is the objective of this study. It also seeks to understand and rethink the sense of belonging attributed by these teachers to their spaces and territories. As it is a subject that has not been academically researched, the research will be exploratory, in a qualitative approach, whose subjects will be teachers of Basic Education in the Municipal Public Network of Belo Horizonte, who will be interviewed, using a semi-structured script.

Keywords: Remote teaching work. Home office. Sexual division of work. Spaces and territories.

INTRODUÇÃO

O ensejo desta pesquisa que tem como tema os impactos e desdobramentos do *home office* (escritório em casa), no cotidiano de professoras, é gerada na busca de compreender de que forma, a pandemia agravou a desigualdade ao transferir para o lar, o trabalho que era desempenhado em sala de aula, uma vez que as tarefas do lar não foram distribuídas igualmente em sua maioria.

Esse impacto no trabalho para as mulheres acontece de forma distinta do que para os homens. Aquelas que permaneceram em seus trabalhos, de forma remota, o desafio foi conciliar o trabalho na modalidade *home office*, os afazeres domésticos e a família. Contudo, ressaltam-se as diferentes realidades vivenciadas por cada uma; para algumas se deu de forma positiva, para outras foi mais complicada.

A revisão da literatura desenvolvida nessa pesquisa desencadeou processos de construção de saberes e competências direcionadas a investigação do trabalho docente em *home office*. Destaco assim, principais autores que nortearam com relevância, como Danièle Kergóat que coloca no foco de sua análise as tensões que emergem nas práticas reivindicativas entre dominação e resistência, à interrogação sobre as relações e processos que levam à tomada de consciência de gênero e de classe; às práticas objetivas e às rupturas subjetivas que subjazem a passagem da dominação à resistência das mulheres e sua conversão em sujeitos de reivindicações e lutas no campo do trabalho.

Helena Hirata pontua que o pleno reconhecimento do lugar do indivíduo e da subjetividade no trabalho é a pré-condição que permite captar os movimentos e as relações de paixão nas relações de trabalho; permitindo trabalhar as formas de passagens do fazer ao ser; e distinguir as modalidades sexuadas da relação com o espaço, o tempo e a sociabilidade. Karl Marx retrata que o capital tem a tendência a reduzir ao necessário o trabalho vivo, diretamente, a encurtar diretamente o trabalho requerido para fabricar um produto, explorando as forças produtivas sociais do trabalho. Yi-Fu Tuan demarca que a geografia revela e espelha o homem. Revela-nos que conhecer o mundo é conhecer a si mesmo; espelha-nos, pois reflete sobre nossos padrões de pensamento e preocupações, a organização simbólica, a percepção, a atitude e o comportamento.

Evidenciar como se dão as relações sociais de sexo/gênero e a divisão sexual do trabalho docente e doméstico estabelecidas nesse novo momento, bem como os desafios e dificuldades, as estratégias de resistência e de luta dessas mulheres, diante do trabalho duplicado e da inusitada transformação de seus espaços e territórios público e privado é o objetivo do presente estudo. Dessa forma, por se tratar de um tema ainda pouco pesquisado academicamente, a pesquisa será de base exploratória, em uma abordagem qualitativa, cujos sujeitos serão professoras da Educação Básica da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte, que serão entrevistadas, *a priori*, por meio digital, utilizando-se de um roteiro semiestruturado. Os excertos de fala que ajudem a responder as questões de pesquisa serão selecionados e analisados à luz das teorias da Divisão Sexual do Trabalho de origem francesa, de base materialista histórica e da Geografia Humanística.

DESENVOLVIMENTO

Atualmente, com o enfrentamento da COVID-19, diversas mudanças no mundo do trabalho, sobretudo no que diz respeito às modalidades e espaços de sua realização, fizeram-se necessárias. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. A partir de 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). O mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade.

A Saúde e Bem Estar (2020) retrata que o vírus faz parte de uma família de vírus que causam infecções respiratórias que foram descobertos em 1937. Em 1965, quase trinta anos depois do primeiro isolamento da infecção, o vírus foi nominado como “coronavírus” por ser semelhante a uma coroa quando visto de um microscópio. Dezembro de 2019 foi registrada uma nova variação do vírus, o SARS-CoV-2, responsável pela pandemia mundial. Uma das consequências do Coronavírus é a COVID-19, doença que pode ter quadros assintomáticos ou infecções respiratórias graves. Enquanto quase 80% dos casos não têm sintomas, cerca de 20% das pessoas infectadas apresentam dificuldade de respirar e 5% podem precisar de suporte ventilatório para o tratamento de insuficiência respiratória, segundo a OMS.

A partir de estudos apontados também pela Saúde e Bem Estar (2020), ainda não há comprovações científicas que demonstram como o Coronavírus surgiu na espécie humana. Mas, muitas pessoas, e até mesmo o ganhador do prêmio Nobel de Medicina de 2008, acreditam que o vírus foi criado nos laboratórios chineses. As teorias da conspiração variam

entre a criação de uma arma biológica para melhorar a economia do país e uma vacina contra o HIV que não deu certo e ‘escapou’.

Com este cenário houve o isolamento social e a implantação do trabalho remoto em *home office* mediado por tecnologia digital, em grande parte dos países, como no Brasil, o ambiente público e externo, no qual se dá o trabalho produtivo e assalariado, foi migrado para o ambiente interno e doméstico, no qual se realiza um trabalho não remunerado e dedicado à reprodução das condições de existência. Dessa forma, dois ambientes distintos de relações sociais de sexo/gênero no trabalho foram transformados em um só.

Em consonância, estudos compilados pela CNN Brasil, segundo Lucas Janone (2021), mostram que a adoção do trabalho remoto, durante a pandemia de Covid-19, trouxe um aumento de problemas físicos e emocionais entre os brasileiros. Na teoria, o *home office* geraria mais horas de sono, pouco deslocamento e uma oportunidade de passar mais tempo com a família. Na prática, o funcionário sofreu com a menor sociabilização, mudança de rotina e a sobrecarga de trabalho. Um levantamento feito pelo LinkedIn, durante a pandemia, apontou que 62% das pessoas estão mais ansiosas e estressadas com o trabalho do que estavam antes da introdução das atividades remotas.

Janone (2021) retrata que o estudo ainda traz que 72% dos jovens profissionais sentem que a pandemia prejudicou o aprendizado de habilidades comportamentais, como a comunicação e a inteligência emocional. Os problemas de saúde mental dos brasileiros também são percebidos pelos terapeutas. Dados divulgados, nesta sexta-feira (29/10/2021) pela Zenklub, plataforma de saúde emocional, registram uma alta de 151% nas sessões de terapia no primeiro semestre deste ano, em comparação com o mesmo período de 2020. Em números absolutos, foram mais de 50 mil consultas nos primeiros seis meses de 2021. Nessas sessões, as menções aos problemas de saúde mental tiveram alta de 1.745% nas sessões de terapia online.

O CEO e cofundador da Zenklub Rui Brandão pontuou:

Seis em cada dez brasileiros sentem uma sobrecarga de trabalho. Isso mostra que a gente está lidando com mais pressão e tem uma sensação de cansaço ou exaustão maior. A mudança de rotina, ambiente, dinâmica de trabalho, diminuição de socialização e dificuldade em impor limites são fatores agravantes. (JANONE, 2021 *apud* BRANDÃO, 2021).

Neste cenário, Janone (2021) pela CNN Brasil, destaca também que a maior demanda por tratamento de transtornos psíquicos também foi registrada por uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), que contou com profissionais de 23 estados brasileiros e o Distrito Federal. Segundo o levantamento, 82,9% dos psiquiatras perceberam o agravamento dos problemas de saúde mental em pacientes que já se tratavam de algum distúrbio, como depressão e ansiedade. Em 69,3% dos estados, os profissionais atenderam pacientes que já haviam recebido alta.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) evidenciam que os transtornos mais comuns no Brasil são a ansiedade e a depressão, que afligem 20 milhões e 12 milhões de pessoas, respectivamente. Além disso, o país é considerado a nação mais ansiosa do mundo e a quinta mais depressiva; com problemas de saúde mental, os brasileiros sofreram mais complicações físicas durante o trabalho remoto. É o que diz, por exemplo, a Sociedade Brasileira de Coluna (SBC), pontua Janone (2021).

O membro da SBC, Dr. Haroldo Chagas, o neurocirurgião especialista em coluna ressalta que o número de cirurgias de coluna ‘nunca foi tão alto’. Detalha ainda como o *home office* pode influenciar essa tendência.

Sem dúvida nenhuma esse é o momento que em mais estou operando coluna. Desde o início da pandemia, aumentou muito a necessidade de intervenções para tratar problemas de coluna cervical, sendo majoritariamente pacientes com dores intoleráveis. A inatividade está relacionada com problemas na coluna cervical e lombar. O *home office* intensifica esse efeito. Presencialmente, querendo ou não, a gente precisa se movimentar. O bem-estar da coluna está relacionado com o movimento. (JANONE, 2021 *apud* CHAGAS, 2021).

Contudo, o medo de ser contaminado pelo novo coronavírus e a facilidade de trabalhar em casa, há uma parcela de brasileiros que gostariam de permanecer trabalhando de casa, pelo menos de forma parcial. O estudo do LinkedIn, segundo Janone (2021), ressalta que 43% dos brasileiros preferem adotar uma rotina híbrida, modelo de trabalho que alterna dias presenciais no escritório e dias em *home office*.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (2021 *apud* Sobrinho; Moreira; Vidal; Mendes, 2021) relatam que a sobrecarga de trabalho para as mulheres de qualquer país, durante a pandemia, apresenta-se expressiva na maioria dos lares. Um alerta do Fundo de

População das Nações Unidas (UNFPA), organismo da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável por questões populacionais, foi à intensidade da desigualdade de gênero causada pela pandemia, trazendo conseqüências maiores para o universo das mulheres mais afetadas.

Coloca-se em pauta questões como a garantia do acesso a serviços e cuidados de saúde sexual e reprodutiva, trabalho não-remunerado, violência doméstica, entre outros assuntos. O que pode alertar as autoridades sobre o impacto da pandemia na vida das mulheres e garantir a dimensão de gênero nas medidas tomadas durante a crise. Há em média, mulheres que se dedicam 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas como crianças e idosos. A média dos homens praticamente a metade – apenas 10,3 horas semanais gastas nessas atividades. Segundo dados de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em tempos de pandemia existe um confinamento natural dos membros da família, acarretando mais serviços domésticos como cozinhar, limpeza dos ambientes, entre outros. Além disso, a mulher carrega sempre maior responsabilidade no cuidado geral dos filhos, no auxílio no aprendizado escolar e constantes desafios na busca de novas formas de entretenimento de acordo com a idade da criança. No processo de trabalho em *home office*, há um somatório de atribuições e responsabilidades onde as situações acontecem simultaneamente. Além disso, existe a necessidade de adequação à nova forma de trabalho à distância e a cobrança de produtividade. Casa é transformada em ambiente de trabalho que não estava estruturada para esta configuração. Configuração que notoriamente não é simples, pois envolvem princípios, a exemplo da Ergonomia que levam em consideração o espaço exclusivo, iluminância, mobiliário, aparelhamentos. (PERNAMBUCO, 2021 apud SOBRINHO; MOREIRA; VIDAL; MENDES, 2021).

Segundo Uol (2020), dados da pesquisa Datafolha (Folha de São Paulo), 57% das mulheres que passaram a trabalhar remotamente disseram ter acumulado a maior parte dos cuidados domésticos. Já entre os homens, esse percentual cai para 21%. Confirmando essa disparidade de gênero no *home office*, uma pesquisa da Workana aponta que 31,3% das latino americanas cuidam dos filhos enquanto trabalham. Entre as brasileiras, esse percentual sobe para quase 50%. Já entre os homens brasileiros, apenas 11,1% disseram acumular as duas tarefas. Outro fator é que em grande parte das empresas, ao se trabalhar nesta modalidade, os projetos dados aos homens para desempenhar são distintos dos das mulheres.

O *home office* oportuniza assim, o trabalho múltiplo simultâneo, a jornada tripla de trabalho no contexto feminino, embora exaustiva, já era uma realidade absorvida em nossa sociedade. A pandemia nos trouxe um outro cenário. Por um lado, oportunizou a um pequeno percentual de mulheres a prática do trabalho remoto. Por outro, mostrou que o *home office* cobra um preço muito maior das mulheres. Definitivamente, ele não funciona igual para homens e mulheres, como retratado pelo Jornal O Povo (2021 apud Pinheiro, 2021).

Historicamente os termos “papel sexual”, “papel masculino” e “papel feminino” se disseminaram rapidamente, da década de 1930 em diante. A antropologia foi uma disciplina central nas elaborações sobre diferença sexual que trabalharam com a teoria dos papéis sexuais. As relações sociais de sexo possuem uma base material que é o trabalho e se exprimem por meio da divisão sexual do trabalho, formando um sistema. Nota-se assim, que o trabalho¹ e a tecnologia induziram as diferenças nas relações sociais de trabalho. A temática do cuidado e a consolidação da participação das mulheres no mercado de trabalho estão indissociavelmente imbricadas. A dupla presença significa também uma dupla ausência, não é só pensar em estratégias para esse mercado, mas para o cuidado das necessidades nos domicílios o que pressupõe valores e competências diferenciadas. Delimitando as nuances que as mulheres sofrem tanto no trabalho doméstico quanto no assalariado.

A produção, a reprodução, as classes, os sexos são acentuadamente utilizados tornando temerário o exercício da elaboração de uma teoria da articulação produção/reprodução, relações entre lutas de classes e lutas de sexos, patriarcado e capitalismo. A relação entre os sexos não acaba na relação doméstica, como a relação de classes não se acaba na relação de produção ou na relação salarial. A dupla presença direcionada a um fenômeno de superposição material e simbólica de dois mundos do trabalho é uma realidade mais acentuada as mulheres do que aos homens. Grande parte como retratado, com algumas exceções, os homens não passaram a dividir de forma equânime as tarefas domésticas. Então, a dupla presença significa também uma dupla ausência. Significa dizer que a pessoa supostamente sempre estaria no domicílio, garantindo a provisão do cuidado familiar, não está mais lá. Nota-se a responsabilidade feminina de articular o trabalho desse cuidado com o trabalho assalariado.

O cuidado é ainda uma relação material de atendimento de necessidades concretas, em um contexto de interação face a face de interdependência, mas também construção simbólica,

integrando a dualidade ética que conforma o feminino e o masculino historicamente construídos nos espaços domésticos e públicos. Na medida em que as mulheres cuidam, o ideal da feminilidade se realiza. Especificamente no trabalho docente, em que pese sua precarização, desvalorização e feminização na educação básica, soma-se, à sobrecarga da mulher professora-mãe-esposa-dona de casa, uma prática educativa realizada à distância, utilizando-se de tecnologias pouco usuais nas escolas, e o entrelaçamento imprevisto dos espaços de trabalho público e doméstico.

O cenário da área de Educação depreende linhas de frente de pesquisa direcionadas ao trabalho produtivo e reprodutivo que a mulher atua. Desta forma, pontua-se que as causas e efeitos do desenvolvimento sobre os trabalhos femininos já apontava para a relevância do sexo como fator na divisão do trabalho e, para explicação biológica e naturalizante nas relações neste âmbito. Realçava a tendência das mulheres à submissão e aceitação de baixos salários, diferenças na ascensão profissional e condições de trabalho. O entendimento da sexualização do trabalho de homens e mulheres propôs a viabilidade de integrar a análise das esferas produtivas e reprodutivas.

Raquel Quirino (2011) delimita que para além da designação do homem ao trabalho público e assalariado e a mulher ao trabalho doméstico e sem remuneração, configura-se em uma relação de poder e numa valorização diferenciada do trabalho masculino e feminino, sendo aquele mais valorizado que este. No mesmo sentido, Silvia Yannoulas (2013 apud Marcondes, 2013) diz que ao invés de superação da divisão sexual do trabalho, há um jogo de sobreposição de presenças e ausências. São cruzadas, portanto, as histórias dos cuidados familiar, profissional e semiprofissional, sendo que, em todos os casos, as personagens principais são mulheres, ainda que o papel a elas reservado dependa, necessariamente, de condições específicas de classe, raça, geracional e outras.

As condições de trabalho que caracterizam o início da revolução industrial, segundo Tânia Quintaneiro; Maria Ligia Barbosa; Márcia Oliveira (2002) eram assustadoras para os padrões atuais e podem ser responsabilizadas pela baixa expectativa de vida dos operários que labutavam em turnos diários de 12 a 16 horas, ampliados para até 18 horas quando a iluminação a gás tornou-se disponível. Foi em 1833, e somente nas fábricas têxteis da Inglaterra, que crianças entre 9 e 13 anos foram proibidas de trabalhar em jornadas de mais de 9 horas, e as que tinham entre 13 e 16 anos por mais de 12 horas, sendo o turno da noite

reservado para que freqüentassem a escola. Para Quirino (2011), a máquina criada para render ao máximo, tirou a mulher do lar, incorporando-a ao seio da classe operária. Assim, as ferramentas para lutar por sua emancipação, em contraponto impuseram a ela a dupla jornada de trabalho, alienando-a enquanto trabalhadora, tanto em casa quanto na fábrica, sendo oprimida e explorada, tendo duas funções sociais.

Desdobramentos a partir desse período levam a destacar dois termos imprescindíveis usados, neste âmbito, que são “labirinto de cristal” e “telhado ou teto de vidro”. O primeiro depreende a segmentação horizontal, guetos femininos nas profissões são muitas vezes imperceptíveis, definir o lugar das mulheres nas profissões ao longo de sua vida laboral, áreas essas que os homens não têm. Há uma concentração de mulheres em áreas e ocupações ditas femininas, prolongamento do trabalho doméstico. Tendo maiores obstáculos e desafios no meio corporativo. O segundo trata-se da segmentação vertical, poucas mulheres em altos cargos; menor poder, desqualificação, salários menores. As mulheres encontram dificuldade para ter o exercício da sua profissão, exercer sua função com qualidade, não só ascensão de poder.

Diante desses fenômenos sociais inferidos, se percebe que não se trata apenas de vender melhor a força de trabalho, mas igualmente de reivindicar que essa força de trabalho que se exerce de maneira útil seja reconhecida e sancionada como tal. De fato, os problemas que elas colocam são novos precisamente porque são articulados de maneira inédita. Existe sexuação do personagem salarial, segundo Maria Bétânia Ávila; Verônica Ferreira (2020 *apud* Kergóat, 2018).

A identidade mulher, que encontramos referenciada no senso comum sob a expressão essencialista do “ser mulher”, não carrega em si nenhum potencial subversivo: é no processo da tomada de consciência, que se dá na passagem do individual ao coletivo, que essa potência se revela, na medida em que se reconhece uma experiência social. Essa passagem se dá, não mais nem menos, que no processo da luta, da reivindicação, e é tão mais forte a depender do tempo em que essa luta sobrevive, ao passo que é condição fundamental para a sobrevivência da luta, nos termos da autora. Para Kergoat, a desnaturalização da categoria sexo permite a tomada de uma consciência de gênero e a formação de um coletivo. Mas é, precisa e dialeticamente, porque existe o coletivo que essa consciência de gênero pode se traduzir concretamente em reivindicações, práticas discursivas, em processo de individuação e autonomia. (ÁVILA; FERREIRA, 2020).

É válido ressaltar processos psicossociais, históricos, sociais e culturais que tem incutido conceitos como gênero e delimitado essa realidade. Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças identificadas entre os sexos. Ele é uma primeira forma de relações de poder. Há uma forma primária, no gênero, ao configurar as relações de poder, uma vez que a ideologia dominante sobre ele existe as categorias binárias (masculino e feminino) opostas entre si, à primeira é valorizada em detrimento a outra. O conceito de gênero trouxe alusão às diferenças e desigualdades que afetam principalmente as mulheres. Há um caráter político.

Danièle Kergóat (2002) pontua que, entretanto, sua desconstrução pela problemática das relações sociais de sexo torna esse problema singularmente opaco ao revelar que a construção individual e coletiva da relação à qualificação ocorre de modo radicalmente diferente nos casos dos homens e das mulheres, que ela não pode ser compreendida sem a intervenção da subjetividade e que ela implode a distinção política entre privado e público. Essa abordagem implica uma reviravolta radical das fronteiras disciplinares e das categorias tradicionais do pensamento político.

Na mesma ênfase Kergóat (2002 apud Collin, 1978) dizia mais ou menos nestes termos, que as relações sociais de sexo criaram uma ‘identidade feminina’ que dispensa e até impede as mulheres de inventar suas práticas, de inventar-se. Bloquear a capacidade individual e coletiva de invenção de si significa sujeitar o grupo dominado. No caso das mulheres, este estado dos fatos remonta tão longe no tempo e é tão difundido no planeta que é difícil imaginar, pensar que outro mundo seja possível.

Busca-se, também, a compreensão e um repensar no sentido de pertencimento atribuído por essas professoras aos seus espaços e territórios. Descrever uma revisão do lugar que elas se colocam em suas relações sociais. Para Rogério Haesbaert (2004) refletir multiterritorialmente é a única perspectiva para construir uma outra sociedade, ao mesmo tempo mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhedora das diferenças humanas.

Letícia Pádua (2013 apud Tuan, 1983) pontua que o espaço é, sem dúvida, mais do que um ponto de vista ou um sentimento complexo e fugaz. É uma condição para a sobrevivência biológica. Mas a questão de quanto espaço um homem necessita para viver confortavelmente não tem uma resposta simples. O espaço como recurso é uma apreciação cultural, ele é um

recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado. É mundialmente um símbolo de prestígio. O espaço é uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual.

Segundo Rodrigo Suess (2017), espaço e lugar são conceitos inseparáveis. “*O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor*” (SUESS, 2017 *apud* TUAN, 2013, p. 14), ou melhor, “*o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado*” (SUESS, 2017 *apud* TUAN, 2013, p. 167). Nota-se que o lugar não é dado, é construído e experienciado à medida que o conhecemos melhor e temos plano para/com ele. A subjetividade povoa os espaços e ajuda os homens a os habitarem, recriando-os e ressignificando-os, dando uma nova definição, construindo lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sexo/gênero estão inerentes nas relações sociais, como visto. O que não muda na modalidade *home office*, inclusive no âmbito educacional. Há agora com mais ênfase o ensino e trabalho remotos e híbridos. Eles não dependem mais do lugar que estão para se desenvolverem; há uma troca maior de conhecimentos entre os envolvidos. Todavia, ressalta-se que não substituem a forma, o sistema presencial. Percebe-se então, que há um diálogo em elucidar a relevância de repensar as práticas e interlocuções dos sujeitos, a divisão sexual do trabalho de origem francesa, de base materialista histórica, a Geografia Humanística e se adequar as transições e mudanças que acontecem.

O que se espera com essa pesquisa a partir do trabalho docente remoto em *home office* dessas professoras é que traga elementos mais recentes de como os direitos humanos e das mulheres ao afirmar as relações sociais, a área de educação, a Ciência, o trabalho (que emprega a força para produzir os meios de sustento), a tecnologia, estabelecem as características como sexo, gênero, raça, classe, etnia, faixa etária, entre outros, e se configuram esferas de desigualdade social.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia de Melo; FERREIRA, Verônica. Reflexões acerca da constituição sexuada do sujeito em Danièle Kergoat. **Revista de Ciências Sociais**, n.53, jun/dez. 2020.

COMO surgiu o coronavírus e como afeta a população mundial. **Saúde e Bem Estar**, 05 maio 2020. Disponível em: [Coronavírus: como a doença surgiu e como afeta o Brasil - GNDI](#). Acesso em: 01 nov. 2021.

DESIGUALDADE: 50% das mulheres em home office cuidam dos filhos enquanto trabalham. **Uol**, 20 outubro 2020. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/13657_desigualdade-50-das-mulheres-em-home-office-cuidam-dos-filhos-enquanto-trabalham.html. Acesso em 19 jun. 2021.

ESTUDOS relacionam aumento de problemas físicos e mentais durante a pandemia. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 01 novembro 2021. Disponível em: [Estudos relacionam problemas de saúde físicos e mentais com o home office | CNN Brasil](#). Acesso em: 03 nov. 2021.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2021.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, set. 2004.

HIRATA, Helena. Divisão das relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito do trabalho. **Em Aberto**, Brasília, ano 15, n. 65, jan/mar. 1995.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista tecnologia e sociedade**. 2010.

HOME OFFICE desigual: o trabalho remoto para mulheres. **JornalO Povo**, 30 abril 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/empreender/2021/03/16/home-office-desigual--o-trabalho-remoto-para-mulheres.html>. Acesso em 19 jun. 2021.

IMPACTOS do home office na vida da mulher: cenário de múltiplas funções. **Universidade Federal Rural de Pernambuco**, 09 março 2021. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/impactos-do-home-office-na-vida-da-mulher-cen%C3%A1rio-de-m%C3%BAltiplas-fun%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em 19 jun. 2021.

KERGOAT, Danièle. A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão. **Pro-posições**, v.13, n.1 (37), jan./abr. 2002.

KERGOAT, Danièle / ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (Orgs.). **Lutar, dizem elas**. Recife: SOS Corpo, 2018. 192p.

KERGOAT, Daniele. O cuidado e a imbricação das relações sociais: *In*: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

MULHERES em home office: os desafios encontrados e como superá-los. **Psicologia Viva**, 06 abril 2021. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/mulheres-em-home-office-os-desafios-encontrados-e-como-supera-los/>. Acesso em 19 jun. 2021.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2002.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e persistências. Orientadora: Magda Adelaide Lombardo. 2013. Tese (Doutorado) -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

QUINTÃO, Vânia; BARROS, Nivia Valença; FACEIRA, Lobelia da Silva. Mulher, trabalho e teletrabalho: reflexões e provocações. **Revista ServiçoSocial em Debate**, v.4, n.1, p. 24-43. 2021.

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher!** Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração. 2011. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011, P. 47-107.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-concentuais em perspectiva marxista. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 229-246, maio/ago. 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 3ª Edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021.

SUESS, Rodrigo Capelle. Geografia humanista e a geografia cultural: encontros e desencontros! A insurgência de um novo horizonte? **Elisée**, Re. Geo. UEG, Porangatu, v. 6, n.2, jul/dez. 2017.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. 2ª Edição. São Paulo: Instituto José Luiz e Rosa Sundermann, 2003.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

¹Esta desconstrução/reconstrução do conceito de trabalho foi uma das áreas temáticas assumidas pelo Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho (o GEDISST) do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) desde a sua criação. A problemática da divisão sexual do trabalho, elaborada por essa equipe por iniciativa de Danièle Kergoat, beneficiou-se, na sua constituição, de um movimento social de mulheres que, nos anos 1960 e 1970, questionou vigorosamente "o androcentrismo das pesquisas em ciências sociais" (Mathieu, 1991; Del-phy, 1992). A ampliação do conceito de trabalho pela inclusão do sexo social e do trabalho doméstico (cf. Chabaud-Rychter, Fongeyrollas-Schwebel, Sonthonnax, 1985) não profissional, não assalariado e não remunerado provocou, como consequência, a recusa, no plano teórico e epistemológico, de toda uma série de categorias dicotômicas, como produção e reprodução, assalariamento e família, etc. Ela também provocou, como consequência, o questionamento de categorias sociológicas construídas a partir exclusivamente de uma população masculina considerada universal (categorias como qualificação, classes sociais, pleno emprego, etc). (HIRATA, 1995).